

Uma educação poética: João Cabral de Melo Neto

Adilson Citelli

*Professor livre-docente no Departamento de Comunicações e Artes
da ECA-USP e chefe do Departamento de Comunicações e Artes.*

E-mail: citelli@uol.com.br

Para Maria Lourdes Motter

João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife, em 9 de janeiro de 1929, e morreu no Rio de Janeiro, em 9 de outubro de 1999. Seguiu carreira diplomática servindo em vários países. Ao lado de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, formou uma linhagem de poetas que imprimiriam marcas e ritmos diferenciados à poesia brasileira, dando-lhe destaque no contexto da produção literária do século XX.

Talvez com exceção de seu livro de estréia, a *Pedra do Sono*, de 1942, a obra de João Cabral caminhou para constituir um projeto literário singularizado pela precisão tanto das formas expressivas como dos ajustes temáticos dispostos na arquitetura geral do discurso poético. No livro *O Engenheiro*, de 1945, vêem-se as recorrências entre o fazer do poema e o processo de construção dos edifícios:

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
superfícies, tênis, um copo de água.
O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre [...].

E no quase manifesto sobre a realização do poema presente na obra de 1947, *Psicologia da Composição*, há um registro que se afasta do andamento confessional e requisita o tom mais reflexivo do leitor:

[...] Esta folha branca
me proscreeve o sonho,
me incita ao verso
nítido e preciso.
Eu me refugio
nesta praia pura

onde nada existe
em que a noite pouse.
Como não há noite
cessa toda fonte;
como não há fonte
cessa toda fuga;
como não há fuga
nada lembra o fluir
de meu tempo, ao vento
que nele sopra o tempo [...].

Em 1956 publica um dos seus textos mais conhecidos, *Morte e Vida Severina*:

O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos, que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria; [...] Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue que usamos
tem pouca tinta [...].

Conquanto elaborado sob registro menos acabado formalmente, o poema (um auto) traz consigo enorme força humana e envolvimento social. Acompanhado da música de Chico Buarque, o texto de *Morte e Vida* ganhou nos anos 1965 representação teatral, permitindo, inclusive, que o grupo universitário do TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo), após apresentações em várias cidades brasileiras, conquistasse a cena internacional, com espetáculos no Festival de Nancy, no Théâtre des Nations, em Paris, e, posteriormente, em Lisboa, Coimbra e Porto. No Festival de Nancy, João Cabral ganhou o prêmio de melhor autor vivo do festival.

A produção inovadora de João Cabral de Melo Neto estendeu-se até o início dos anos 1990. Sua obra foi traduzida para o alemão, francês, inglês, espanhol, italiano e holandês.

A revista *Comunicação & Educação* publica aqui três textos de João Cabral de Melo Neto¹, dois deles centrais na produção do poeta (*A Educação pela Pedra*, *Rios sem Discurso*) e um terceiro (*Ademir da Guia*) que homenageia o craque que desfilava elegância de bailarino diante da bola e dos adversários. Nesse caso, há que se notar o modo como o poeta infunde nas palavras e nos versos o ritmo e o movimento que conseguem recuperar a imagem e a leveza com que Ademir, o talentosíssimo *Admirável da Guia* – como o chamava Décio Pignatari – exercia seu ofício nos campos de futebol.

1. Poemas extraídos de: MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, freqüentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra; lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

Rios sem discurso

(A Gabino Alejandro Carriedo)
Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

Ademir da Guia

Ademir impõe com seu jogo
o ritmo do chumbo (e o peso),
da lesma, da câmara lenta,
do homem dentro do pesadelo.

Ritmo líquido se infiltrando
no adversário, grosso, de dentro,
impondo-lhe o que ele deseja,
mandando nele, apodrecendo-o

Ritmo morno, de andar na areia,
de água doente de alagados,
entorpecendo e então atando
o mais irrequieto adversário.